

RICHARD GRUSIN

*Premediation: Affect and Mediality
after 9/11*

Londres: Palgrave Macmillan, 2010, 196 pp.

O dia em que o mundo mudou aconteceu na televisão. Os acontecimentos que ditaram a introdução nos calendários de uma época pré-11 de Setembro e de uma época pós-11 de Setembro não apenas ditaram o final do «fim da História», como vieram desencadear o contínuo e crescente poder das narrativas trazidas até nós pelos *media*.

Na sua mais recente obra, Richard Grusin repensa o seu conceito de «remediação» e mostra de que modo a imprensa escrita, a televisão e os novos *media* deslocaram o seu foco de atenção da imediaticidade do presente para a premediaticidade do futuro: a «premediação» como mudança do paradigma cultural dos *media* e dos indivíduos num mundo pós-11 de Setembro, onde se tornou necessariamente constante e imperativa a mediação de um futuro antes que este se torne presente.

Apesar de ter acontecido na televisão, não se tratou de realidade virtual, mas de uma realidade trazida pelo virtual. Aqui se pode encontrar a relação que Richard Grusin estabelece no seu mais recente livro entre premediação e remediação, enquanto conceitos que procuram estabelecer uma ponte segura entre o virtual e o real. Vendo no filme *Minority Report* (2002) um aparente retrato da sociedade dos Estados Unidos da América (numa altura em que a Administração Bush-Cheney preparava a sua política de guerra preventiva), Grusin apresenta o conceito de premediação como algo que «procura garantir que o futuro seja de tal

forma mediado por novas formas de *media* que não possa emergir como presente sem ter sido já remediado no passado» (p. 58). A premediação produzida pelo choque do 11 de Setembro reflectiu-se na premediação da guerra do Iraque, onde não só os conteúdos, mas principalmente os formatos adoptados pelos *media* foram de tal forma um espelho daquilo que tinha sido feito em momentos de guerras anteriores, que, quando a guerra do Iraque efectivamente teve início, pareceu apenas que os *media* se estavam a repetir e a transmitir algo que já havia acontecido ao longo das semanas anteriores. A premediação surge da nossa necessidade de perspectivar, analisar e dissecar todos e quaisquer futuros possíveis para que estes não nos surpreendam no momento em que eventualmente aconteçam. A premediação torna-se, assim, um mecanismo de *autopoiesis* adoptado pelos *media* enquanto sistemas vivos. Ao permitir a observação dos acontecimentos em tempo real e ao possibilitar inúmeras remediações desses mesmos acontecimentos e das suas hipotéticas consequências futuras, a premediação serve de combustível ao próprio mecanismo que a cria. Grusin expõe a *autopoiesis* existente nos *media* pós-11 de Setembro, citando o trabalho de Luhmann, que, numa outra linguagem, demonstrava que o conceito de premediação se vinha a apoderar dos *mass media* já ao longo do século xx. Os *media* tornam-se, portanto, responsáveis pela produção das premediações necessárias para que os *media* possam continuar a produzir premediações, que por sua vez se transformam na essência dos *media* que as produzem.

Em *Premediation: Affect and Mediality after 9/11*, Grusin explora também a relação

existente entre a segurança e a medialidade, a forma como as interacções quotidianas simultaneamente possibilitam e são possibilitadas pela formação globalizada do sentimento de segurança. Isto porque, como refere o autor, somos cada vez mais encorajados, individual e colectivamente, através da nossa utilização da Internet móvel, da participação em redes sociais e do comércio electrónico, a criar *terabytes* de dados que são posteriormente verificados, analisados e dissecados até ao mais ínfimo pormenor, em busca de informação. Estes mecanismos de segurança, que até à data têm proliferado de modo quase invisível, funcionam, paradoxalmente, de forma a controlar as populações, encorajando-as a moverem-se sem esforço, rápida e eficazmente através de uma hipermedialidade de redes de informação, comunicação e transporte. A medialidade, outro dos conceitos desenvolvidos por Grusin em relação com a premediação, pode ser vista como uma das modalidades daquilo a que Foucault chamou de «governamentalidade». A medialidade é, por um lado, uma tentativa de explicar as diferentes formas de funcionamento dos *media*, através das quais estes governam as populações ao modular a influência colectiva, e, por outro lado, uma tentativa de contrapor o *avant-garde* característico do paradigma dos «novos *media*» que tem vindo a dominar os debates sobre os *media* digitais ao longo de mais de uma década.

Grusin defende que a premediação transforma a medialidade pura do «estado de excepção» (Agamben, 2005) na medialidade impura do quotidiano. A premediação transforma a violência que estabelece o estado de excepção enquanto regra: esta deixa de ser uma violência que é imposta

externamente, estável e estabelecida, e passa a ser uma espécie de violência que está constantemente em vias de ser imposta e re-imposta através das nossas interacções, de influência e em rede, com os *media* do dia-a-dia. Na biopolítica de segurança pós-11 de Setembro, a premediação serve para fomentar e fazer cumprir a antecipação de segurança, ao oferecer uma espécie de rede de garantia através da proliferação de inter-redes de *media* (nos telemóveis, *pads*, portáteis...). A insegurança de catástrofes premediadas é neutralizada e até mesmo ultrapassada graças à influência do sentimento de segurança produzido pela repetida antecipação da interacção dos indivíduos com as redes sociais móveis, juntamente com o repetido sentimento de alívio que se obtém ao verificar que essas redes continuam a existir. Num mundo pós-11 de Setembro, a produção e a reprodução dos sentimentos de segurança, individuais e colectivos, ajudam os cidadãos do mundo globalizado da Internet a conseguirem «funcionar» num ambiente de riscos potencialmente catastróficos. A premediação é a base de mecanismos individuais e colectivos de produção, realização e manutenção da antecipação de segurança no mundo pós-11 de Setembro.

Nesta obra, Richard Grusin procurou apresentar ao público as diferentes formas de intensificação de um fenómeno que pré-datava o ataque ao World Trade Centre, e o modo como essa intensificação se ficou a dever ao evento em si e aos acontecimentos que se seguiram. A premediação instituiu-se como uma mudança do paradigma cultural dos *media* e da relação dos indivíduos com os meios e redes sociais, no âmbito daquilo a que o autor chama de confluência de lógicas

culturais. Nesse seguimento, e voltando ao conceito de «governamentalidade» de Foucault, Grusin conclui *Premeditation: Affect and Mediality after 9/11* focando a questão das aplicabilidades e funcionalidades da premediação que estarão para além do 11 de Setembro. Os exemplos de premediação nos *media* dos Estados Unidos da América nos últimos dois anos fornecidos pelo autor (a cobertura dos furacões *Gustav* e *Ike* em 2008, a crise financeira global de 2008 e 2009 e a chamada *Twitter revolution* no Irão) enquadram-se nos três âmbitos que Foucault havia designado como fulcrais na relação da «governamentalidade» com as populações: o «natural», o «económico» e o «social» (p. 143). Grusin procura, deste modo, expor um ponto importante: aquele que nos mostra e garante que a premediação, nos moldes que tomou logo após o 11 de Setembro, não se prende só com as questões referentes ao ataque que aconteceu nesse dia em Nova Iorque. É, no entanto,

um facto que a premediação se intensificou e assumiu aquelas características e aquela dimensão devido aos acontecimentos desse dia, e é necessário reconhecer que os acontecimentos desse dia na ilha de Manhattan mudaram o mundo para sempre, transformando igualmente as nossas formas de mediar, remediar e premediar o mundo. O natural, o económico e o social nunca mais serão mediados do mesmo modo, e mesmo quando caem no quadro da imediácia, essa imediácia não se prende já com os acontecimentos em tempo real do presente, mas sobretudo com os acontecimentos vivos e reais do futuro. O dia em que o mundo mudou mudou os *media*, a nossa relação com eles e a perspectiva que temos do futuro através deles, e são as diferentes equações dessa temática que Grusin desenvolve, de forma científica e estruturada, ao longo do seu último livro.

ANA FABÍOLA MAURÍCIO